



White Pool Party



Turma 57 - Rumor ao Internato



Choppada 2012

Humor



Reforma

O serrote grita:
Roque! Roque! Roque!
Traga cimento, madeira
Tijolo, enfoque
Aço e Brita!
Coloque tudo ali,
aqui
acolá!
Tire o teto!
Pegue o metro!
Suba o piso
troque o piso!
Vai da li
Vem de cá!
Imperatismo
Cansaço!
Suor!
sinismo!
Que treme
Prósperas curas,
Entorna à FM
Oh! Tão esperada reforma!
Álvaro Sales (60)

Tristeza Orgânica

Por que razão tu te amorfeias?
Naturalidade amudaste
Espanta tu que toda veia
Pulula-me por desejar-te?

Miocárdio o coração bombeia
Ricocheteia belo estandarte
Não te encanta e te devaneia
Coordenar meu ser a nova arte?

E por que tu te centrifugas?
Veias, vênulas, Vênus de Marte
As fibras que são fibras tuas
As carnes nuas tu trituraste

Pois como todo astro o sol rodeia
Não entendes tu o precisar-te
És qual hormônio, tudo permeia
Fibrila por ti cada me parte

Então por que tu tudo me escusas?
Sendo-lhe, tendo-lhe o tremular-te
Pede a mi sinapses esqueças...
Amor é algo que se reparte?

E caso eu viva a propagar-te
O Coração vivo a pulsar-te
Pede a mi, me desconheças
Razão me diz, amofinar-te

João Fernandes (UFTM)



Jornal Informativo do Centro
Acadêmico XXI de Abril
Faculdade de Medicina - UFG



O ESQUELETO



Abril de 2012
Ano XVII - Edição nº4

SIM NÃO
NÃO SIM

ATO MÉDICO

A Madrasta

Saiba tudo sobre os bastidores da apresentação que comemorou meio século de "Show do Esqueleto" na **página 11**.

Medicina: Qualidade x Quantidade

Não perca na **página 10** a reportagem com Renato Gregório, um dos maiores especialistas em gestão de carreira médica do país.

Ato Médico

Saiba tudo sobre os bastidores da apresentação que comemorou meio século de "Show do Esqueleto" nas **páginas 6 e 7**.

As intermináveis obras do HC da UFG

Não perca na **página 8** a reportagem com Renato Gregório, um dos maiores especialistas em gestão de carreira médica do país.

As obras na FM da UFG

Como esta a realidade da construção do novo HC da UFG? Intere-se na **página 9**.

O problema do Laboratório de Habilidades

Uma parceria da Prefeitura de Aparecida, Liga Acadêmica do Pulmão, Projeto Rondon e o Instituto de Desenvolvimento Tecnológico. Confira nas **páginas 4 e 5**.

Mande suas idéias e textos para:

oesqueleto@gmail.com

Moção de apoio aos educadores do estado de Goiás dos estudantes da FM-UFG

O Centro Acadêmico XXI de Abril, na condição de representantes de todos os estudantes de medicina da Universidade Federal de Goiás, vem a público declarar seu apoio irrestrito às reivindicações da categoria, na sua luta por melhores condições salariais e de trabalho, na defesa não só de direitos ainda não alcançados (sabedores de que são graves as condições de descaso com que os trabalhadores da educação historicamente foram tratados neste país), mas especialmente na defesa de direitos que estes já possuíam no quadro da Rede Estadual de ensino e que foram simplesmente anulados pela atual gestão.

Sendo um corpo discente composto de acadêmicos que também são originários da Educação Pública e Gratuita e, historicamente tendo recebido dessa mesma rede de ensino alunos que se tornaram destacados nesta casa nos solidarizamos ao movimento e unimos nossa voz ao coro que clama por justiça, seriedade e um mínimo de bom senso no trato com os trabalhadores deste Estado, muito mais em especial aos trabalhadores da Educação.

A resposta do governo estadual tem um caráter desestimulador à qualificação profissional dos professores além de tornar o direito à mobilização e greve um ato ilegal a revelia da importância de suas queixas. Assim consideramos as políticas que acabaram com o bônus por titularidade e estabeleceram o piso, no lugar deste foram desrespeitosas com a classe dos educadores e com os cidadãos goianos que esperavam uma educação de qualidade. O piso salarial é um direito trabalhista e não pode ser tratado como uma moeda de troca. Acreditamos ser a categoria dos educadores de grande peso e relevância para o futuro econômico, científico e social do país por serem formadores de visão, opinião e mestres de um saber que só pode ser construído com justiça e por tal afirmamos nosso repúdio às atuais políticas e declaramos nosso apoio às queixas dos educadores.

Departamento de Políticas Estudantis e Sociais (DEPES - CAXXIA)



A MADRASTA

As baterias - As músicas que saem dos instrumentos de percussão são mesmo envolventes. Isso porque as batidas aceleram a circulação sanguínea, levam ao esquecimento de problemas, impulsionam a alegria e podem criar climas festivos e agradáveis entre as pessoas. Dessa maneira, explica-se porque as baterias, frequentemente chamadas de “charangas”, ganham cada vez mais espaço nos eventos esportivos realizados pelos universitários brasileiros. Elas são orquestras que usam instrumentos das baterias de escolas de samba, como surdos, repiques, contra-surdos, tamborins entre outros.



Nessas festas do esporte, as “bandas” de cada curso fazem muito mais do que apenas animar os torcedores e competir entre si pelas melhores apresentações. Elas ajudam também a tornar mais intenso o amor, a honra e o valor de cada aluno por sua universidade e seu curso.

Aquela que bate sem dó - Entre esses grupos musicais, destaca-se pela excelência em percussão a Madrasta, “aquela que bate sem dó”. Ela foi criada pela Associação Atlética Acadêmica Joffre Marcondes de Rezende (A.A.A.J.M.R.), que representa os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Essa bateria, que é hoje uma das maiores do Centro-Oeste, surgiu no final de 2003, com o objetivo de participar do I Intermed-CO, organizado pela própria A.A.A.J.M.R., em outubro de 2004.

É preciso lembrar que o Intermed-CO é uma competição esportiva do Centro-Oeste, cujos participantes são os alunos das faculdades de medicina da região. Lá as baterias disputam entre si, buscando sempre inovar e superar a concorrência, tanto no visual quanto na parte musical. Assim, muitas vezes, fazem alterações em

músicas conhecidas e criam novos toques, coreografias e uniformes na procura do título de melhor apresentação.

Formada por cerca de 80 acadêmicos, a Madrasta conta, em média, com: 12 surdos; 6 contra-surdos; 8 xequerês; 10 taróis; 3 repiques; 8 agogôs e 40 tamborins. De- tentores de um repertório bastante amplo, seus membros tocam: congada, ciranda, samba, vamuinha, funk, hip hop, frevos, peças musicais entre outros, com a finalidade de levar alegria, ritmo e cultura aos eventos, além de fortalecer a imagem da atlética da Faculdade de Medicina da UFG.

Suas cores características são preta e alaranjada e seu mascote é o lobo-guará, animal típico da região Centro-Oeste.

Os ensaios do grupo acontecem às sextas-feiras, a partir das 18h00, na Praça Universitária ou no Teatro Asklepiós, localizado no prédio de medicina da UFG. O foco desses ensaios não é somente o Intermed-CO, mas também o InterUFG, em que a competição de esportes e de baterias ocorre entre os cursos da universidade.

Derrotas, vitórias e perspectivas - Nas competições de charangas dos Intermeds, a Madrasta conquistou as seguintes colocações:

- 2004 - Não houve disputa:**
I INTERMED CO (Goiânia-GO)
- 2005 - 3º Lugar:**
II INTERMED CO (Catalão-GO)
- 2006 - 2º Lugar:**
III INTERMED CO (Campo Grande-MS)
- 2007 - 1º Lugar:**
IV INTERMED CO (Ceres-GO)
- 2008 - 4º Lugar:**
V INTERMED CO (Cuiabá-MT)
- 2009 - 7º Lugar:**
VI INTERMED CO (Catalão-GO)
- 2010 - 3º Lugar:**
VII INTERMED CO (Dourados-MS)
- 2011 - 5º Lugar:**
VIII INTERMED CO (Itumbiara-GO)

Diante desses dados, é possível afirmar que o ano de 2009 foi marcante para os membros da bateria e os levou a tomar novos rumos na preparação das apresentações, visto que o 7º lugar não foi um resultado satisfatório. Por isso, os coordenadores procuraram o apoio de professores renomados e estabeleceram dois cansativos ensaios por semana, que chegavam a durar mais de três horas. Além

disso, proibiram o consumo de bebidas alcoólicas durante esses ensaios e passaram a dar mais valor à qualidade do som do que à sua intensidade, a qual, até então, era uma das peculiaridades da bateria. O resultado em 2010 foi, portanto, bastante agradável, levando-a do 7º lugar de 2009 para o 3º lugar do ano seguinte.

Entretanto, em 2011, instalou-se nos integrantes e coordenadores uma atmosfera de tensão e estresse, já que a obsessão pela vitória se tornou muito forte. A alegria dos ensaios e a integração entre a bateria e os demais colegas da faculdade ficaram ameaçadas pela dedicação excessiva à qualidade musical. Contudo, mesmo com uma rígida disciplina, o grupo conseguiu apenas o 5º lugar no Intermed daquele ano. Assim, os alunos de medicina em geral se decepcionaram com a Madrasta, pois consideraram que todo o esforço fora em vão.

“Depois de um grande número de saídas de antigos integrantes, novamente a Madrasta entra em uma busca por sua identidade, voltando às origens, tentando resgatar o orgulho dos estudantes e de seus integrantes, com ensaios mais descontraídos e a realização de festas de integração. Além disso, dado o alto nível que as apresentações do Intermed têm alcançado, não só no âmbito musical, mas também da apresentação visual (uniformes e coreografias), há uma proposta em se investir nesses quesitos, que sem dúvidas impressionam àqueles que nos assistem”, diz um dos coordenadores da bateria, Robson Luís, sobre o futuro da orquestra preta e alaranjada.

Portanto, segundo Robson, o foco principal da Madrasta para 2012 será a beleza da apresentação, que buscará prezar por boas músicas, relembrar antigos toques, investir em uniformes e criar coreografias ainda mais divertidas. Também é certo que o grupo deseja renovar seus instrumentos, destinar os calouros aos aparelhos de que gostam, ampliar seus recursos financeiros, elevar sua integração com o restante dos alunos da faculdade e alimentar ainda mais o amor dos estudantes de medicina da UFG pela bateria.

“Dizem que toda madrasta bate sem dó. Isso não é diferente com a tão honrada Madrasta, nossa bateria, que bate no tambor, bate nos concorrentes, e nós, por ela, batemos palma!”, disse o estudante do 2º ano de medicina da UFG, Álvaro Sales, quando requisitado para comentar sobre a importância do grupo musical. Isso é apenas uma pequena demonstração do quanto a Madrasta é admirada pelos alunos da faculdade, o que a fortalece bastante na busca de apresentações aprimoradas e de mais sucessos.

Rodrigo Cunha (60)



Bateria Madrasta no Interufg 2011

Patrocínio

PADRÃO®
LABORATÓRIO CLÍNICO
MEDICINA LABORATORIAL

Unimed |

Goiânia

XXIV **ECAM** III **COGEM**
ENCONTRO CIENTÍFICO DOS ACADEMICOS DE MEDICINA
CONGRESSO GOIANO DE ÉTICA MÉDICA
Local: Cremego - Data: 19/09/12 a 21/09/12

EXPEDIENTE

Mande suas idéias e textos para: oesqueleto@gmail.com

Departamento de Comunicação (DECOM)
Chefe: Anderson Coelho de Amorim Faria (58)
Sub Chefe: Thalles (59)

Membros do DECOM: Alex de Alvarenga (57); Aguiinaldo Gabarron (56); Ana Paula do Nascimento Coutinho (56); Bruno Viana (58); Daymodara Bastos (59); Fillipe Thiago Xavier (57); Flavio Campos (57); Gabriel Andraos (57); Guilherme Horbilon (57); Hemilianna Matozinho (59); Jhulia Gabriela Duarte de Sousa (59); Juliana Andrade (57); Lucas Costa (57); Marília Moreira

Centro Acadêmico XXI de Abril
Primeira Avenida s/ nº, setor Leste Universitário
Goiânia-GO, CEP: 74605-020
decomcaxxia@gmail.com, oesqueleto@gmail.com

(57); Mayra Feliciano (57); Pedro Israel (57); Priscila Toledo (56); Ricardo Augusto (57); Thalles Braga Fonseca (59); Wirley Alves (58); Yuri Kossa (58).

Colaboradores: Álvaro Barbosa (59) e Pedro Assis (58)
Projeto Gráfico e Diagramação: Anderson Coelho
Ilustração Capa: Fróes e Alex Fróes
Impressão: LSV GRAF
Tiragem: 2.000 exemplares.

MEDICINA: QUALIDADE X QUANTIDADE

O GOVERNO BRASILEIRO QUER MONTAR UM PROGRAMA DE INCENTIVO À CRIAÇÃO DE NOVOS CURSOS E À ABERTURA DE NOVAS VAGAS PARA MEDICINA. ISSO, ALÉM DE ATRAIR MÉDICOS ESTRANGEIROS, POSSIVELMENTE SEM REVALIDAÇÃO DE DIPLOMA, PARA ATUAREM NO BRASIL. PERGUNTO À NOSSA ILUSTRÍSSIMA PRESIDENTE DILMA, SERÁ QUE O PROBLEMA DA SAÚDE PÚBLICA EM NOSSO PAÍS RECAI SOBRE UMA FALTA EM ABSOLUTO DE PROFISSIONAIS?

Contamos com míseros 372 mil atuantes. Uma média nacional de 1,95 médico por 1000 habitantes. Considerando que a OMS idealiza um médico por milhar de habitantes, e que, no Japão, o valor é de 2,06/1000, a falta claramente não é numérica. Mas... Olhemos mais profundamente: 2,6 na região Sudeste; 0,8 na Norte.

Em 7 de março, o Conselho Federal de Medicina se uniu aos 27 Conselhos Regionais em uma única nota contrária a essa política brasileira: “No país, o problema não está no número de médicos, mas em sua má distribuição, o que dificulta o acesso ao atendimento e gera vazios assistenciais, inclusive nas periferias dos centros urbanos”. Temos 2,6 contra 0,8.

É claro que a má distribuição pode não ser o único empecilho. Há ainda o entrave da qualidade na formação desses profissionais brasileiros. De 1970 a 2011, o número de faculdades de medicina cresceu em 530%, enquanto a população, em 104%. Sem dúvida alguma, são crescimentos espetaculares... Mas que levantam uma simples dúvida: e a qualidade de ensino, cresceu na mesma proporção? Ninguém há de questionar as escolas

superiores federais, entretanto mais de cem faculdades privadas se espalham por todo o país, e tantas outras estão na fila do MEC, esperando sinal verde para se juntarem ao montante.

Em Goiás, há quatro faculdades que oferecem o curso de medicina: UFG, PUC, UniEvangélica (Anápolis) e FESURV (Rio Verde). Em meados da década de 60, apenas uma delas, a federal, existia. A partir de então as outras foram surgindo, como a de Rio Verde, que abriu sua primeira turma no começo deste ano. Em preparação para a abertura, o prédio do antigo Colégio Mega na T-10 já fechou para a reforma que visa um hospital-escola da Faculdade Araguaia, prevista para maio. Abrir curso de medicina virou negócio.

É amplamente sabido que passar no vestibular em universidades particulares é geralmente mais fácil que nas públicas. Já se insere um “porém” na seletividade desse processo. Mais além, pela pró-

pria natureza, esse tipo de instituição – privada – tende a buscar algum lucro. As mensalidades no Brasil estão entre R\$2000,00 e R\$6000,00. Assim, quem não consegue passar em faculdade alguma ou quem não consegue ingressar em pública e pagar privada ou fica para sempre no limbo, ou muda de rumo, ou busca instrução em outros países. Muitos jovens partem para fazer faculdade de medicina em vizinhos do Cone Sul por mensalidades em torno de R\$500,00 e não precisarem passar pelo vestibular. E a qualidade, onde fica?

“NO PAÍS, O PROBLEMA NÃO ESTÁ NO NÚMERO DE MÉDICOS, MAS EM SUA MÁ DISTRIBUIÇÃO, O QUE DIFICULTA O ACESSO AO ATENDIMENTO E GERA VAZIOS ASSISTENCIAIS, INCLUSIVE NAS PERIFERIAS DOS CENTROS URBANOS”.

nimento do governo aumenta. A busca por soluções fica cada vez mais carregada enquanto nada é feito. E a ordem deve vir de cima.

Há cerca de cem anos, os EUA e o Canadá estavam em situação parecida. Uma comissão foi montada com Alexander Flexner no comando para analisar, reportar e agir. Faculdades foram fechadas, outras foram abertas e a política passou a ser de maior inserção, financiamento e acompanhamento de perto por parte dos governos. Funcionou. O Brasil precisa de um Flexner, precisa de uma reavaliação. Sigamos o exemplo.

Até que a política original proposta por nosso Estado, se bem conduzida, teria suprido o problema da baixa concentração de médicos em determinadas regiões, mas não o da má distribuição e certamente não o da qualidade de ensino. Além de possivelmente gerar concorrência desnecessária, criar quadros favoráveis à xenofobia e, no geral, diminuir a dignidade da profissão. De novo, valeria a pena?

De nada adianta selar um buraco e abrir outros vários. Fico com os conselhos.

Vitor Lucena (60)
DECOM - CAXXIA



Unidade do Colégio Mega que dará espaço ao hospital-escola da Faculdade Araguaia, na T-10.



FESURV em Rio Verde, o mais novo curso de medicina em Goiás.



UNITEPC: destino de muitos brasileiros pela medicina na Colômbia.

ROEx

A ROEx é um espaço em que o órgão que representa nacionalmente os Centros Acadêmicos e estudantes de medicina, o DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina), toma algumas decisões e posicionamentos que nortearão as lutas e os embates políticos que serão travados durante o ano. Nesse espaço, cada Centro Acadêmico presente tem direito a se manifestar, expor o que tem acontecido em seu município/estado e a um voto. O

Centro Acadêmico XXI de abril (CAXXIA) sediou, nos dias 22 a 25 de março, o Seminário de Gestão da DENEM e a I Reunião dos Órgãos Executivos da DENEM (ROEx), Goiânia 2012.

No Seminário de Gestão da DENEM foram discutidos: o planejamento de cada uma das regionais da executiva, de suas coordenações de áreas e esboçadas as ações em conjunto com outras entidades; e as lutas e pautas que serão desenvolvidas ao longo do ano para serem debatidas em cada centro acadêmico, em um processo de maior conscientização do estudante de medicina e de seu papel na sociedade e na saúde.

Na ROEx foram discutidos o ato médico, a programação do 41º Encontro Científico dos Estudantes de Medicina e outras pautas e informes como paralisações e atos públicos contra programas governamentais locais e nacionais. Por exemplo, o ato público contra Programa Nacional de Valorização da Atenção Básica, com mais de 1200 pessoas na UFC, e a paralisação de TODOS os alunos e profissionais da UPE exigindo melhores condições e contra o descredenciamento de sua maternidade como hospital escola.

Filipe Malta Dos Santos (57)
Coordenador do Centro Oeste na Denem



Encontro de estudantes de medicina na ROEx



Discussões na ROEx

Crônicas

SHOW DO ESQUELETO: UM ESTALAR DE SORRISOS



Graças a Deus, certa vez, nos primórdios da evolução, a genética e a embriologia resolveram nos propiciar, através de um tal folheto Mesoderma, com o que chamamos de ossos. Sustentação reserva mineral, comédia, crítica e reflexão, todos juntos fazem de meros 206 ossos (isso se não houver variação anatômica!) uma combinação única, em que a dureza dos ossos enrijece a beleza da alma. Falemos do Show do Esqueleto!

Engana-se quem acha que o “tal” Show do Esqueleto é uma coisa pacata, sem graça e sem repercussão brasileira. Já são 51 anos suturando críticas e dessecando sorrisos. É o teatro há mais tempo em todo o Brasil (Assina pira na longevidade!). Elaborado

por alunos da graduação do segundo ano de Medicina da Universidade Federal de Goiás, o Show aborda temas políticos, sociais, econômicos, casuais através de quadros teatrais irônico, reflexivos e engraçados.

Tã achando que é moleza? São horas e horas de ensaio, de redação, de muito esforço, conciliado com o estudo da medicina (imunologia, parasitologia, farmacologia, entre outras 8 disciplinas que também exigem muito dos discentes) simplesmente para alegrar a plateia e ter a certeza de que a saúde do Show ainda está intacta e permanecerá assim por bons longos anos.

Mais que um espetáculo, mais que uma tração, o Show é acima de tudo uma vida! Nasceu em 1962, e até hoje tem sua plateia com-

posta por todos os tipos de pessoas, inclusive por antigos Esqueletos e estudantes de Medicina que já suscitaram reflexões e risos e que agora já médicos, seus médicos! Além de tudo isso, foi tombado em 2006, pelo médico Heitor Rosa, como patrimônio cultural da Faculdade de Medicina. Não há desculpas de não participar. O convite foi feito! E se você é do tipo que gosta de uma festinha pós-teatro, esteja convidado também pra a Festa MEDessosa!

E assim, alavanque seu úmero, supine seu rádio e sua ulna, coloque seus carpos, metacarpos e falanges para funcionar, e esteja lá para nos aplaudir! O seu riso é certo, espero que sua presença também.

Alvaro Sales (59)

Macacos, Medicina e Maysa (ou: Diário de um aspirante a calouro) (ou: A medicina)

Você está no meio do segundo ano do ensino médio e as coisas vão muito bem, obrigada. Um boletim recheado de notas boas e toleráveis, aulas com professores educados e pontuais, a presença constante de diretores dedicados e uma rotina repleta de tardes e fins de semanas livres... Tudo uma maravilha, até que naquele inevitável e sombrio dia alguém lhe faz a famosa pergunta: “E aí, vai prestar pra quê?”. É aí que você percebe que seu mundo caiu, – desculpa aí, Maysa – por que agora é oficialmente um pré-vestibulando.

E agora, José? O terceiro ano está aí. Não dá pra adiar mais. Você vê as datas de vestibular sendo agendadas, vê as concorrências candidatas/vaga se formando, vê as salas de cursinho lotadas e vê sua memória te deixando na mão porque

você jura que é a primeira vez que ouve falar em Gorbachev ou em Carnot. Então você olha para o calendário, percebe que o ano letivo está só começando, e pede arrego porque devia estar em um surto psicótico quando optou pelo curso A245 da UFG: a Medicina.

Só que é tarde demais, sua mãe já contou sua escolha para todos os seus parentes que invariavelmente insistem em te chamar de futuro geriatra da família. Você é humilhado, xingado e maltratado e o pior: seus pais pagam, e caro, por isso. Mas sabe que é para o seu bem, afinal de contas, “tem que ralar muito para passar de *Analfa a Doutorzinho*”. Então você rala, fim de semana, feriado, dia santo e se culpa o resto do mês porque naquele domingo você assistiu dois episódios de House enquanto seu concorrente estudava e o japa inventava a 4ª Lei de Newton – com o perdão do absurdismo.

Chegaram os dias. Os dias do Juízo Final que têm como trombeta do apocalipse aquele irritante carro de som no local de prova que insiste em lembrar todas as proibições e avisos do edital que você decorou no dia anterior enquanto roí os dedos pela falta de unhas. Veteranos vendendo suas águas minerais milagrosas berrando “tomou passou!” disputam espaço com as famílias chorosas e com os demais candidatos e seus mais variados tipos de mantimentos até os detectores de metal.

Como aconteceu você ainda não sabe, mas estava lá. Fosse em 1º ou em 88º o importante é que era você naquela lista, com RG e tudo para que sua mente perturbada pela noite em claro não sugerisse a possibilidade de um homônimo. E aquilo foi lindo. Era a sentença em letras Arial garrafais de que valeu a pena aquele ano ou todos aqueles anos apostados em

nome de um futuro incerto. Você era federal. Você havia passado. Pronto, feita a matrícula você se comprometeu a enfrentar, calado, a rotina Samambaia-Universitário. Tornou-se seu dever sobreviver ao suco vermelho do R.U., evitar alimentar os macacos – o que exige de um a dois Ippons por período –, não ter uma hérnia ao carregar seu Lehninger e seu Moore no mesmo dia e, o mais importante, não ter hipertermia na sauna de anatomia. Sim, um sofrimento, mas um sofrimento muito bom.

Bem, talvez você ainda esteja na luta, talvez na fase de questionamento do surto psicótico, talvez na fase do cansaço e da frustração que te fazem constantemente duvidar de seu potencial. Nessas circunstâncias aí vai o recado: todos nós passamos por isso, todos nós já fomos futuros calouros! Esperamos por você.

Danielly Bernardes (60)

A PROBLEMÁTICA DO LABORATÓRIO DE HABILIDADES (LHP)

DOTADO DE BOA ESTRUTURA FÍSICA - INSTALAÇÕES ELÉTRICAS APARENTEMENTE ADEQUADAS, BOA COMPARTIMENTALIZAÇÃO DO ESPAÇO, RELATIVO ISOLAMENTO SONORO, CONDIÇÕES DE LUMINOSIDADE, UMIDADE E TEMPERATURA SATISFATÓRIAS (USO DE AR CONDICIONADO) - E EQUIPADO COM UMA MULTIPLICIDADE DE ITENS QUE VARIAM, DOS MAIS BÁSICOS ATÉ DISPOSITIVOS ALTAMENTE SOFISTICADOS, O LABORATÓRIO DE HABILIDADES (LHP) DA FM PERMANECE UMA INCÓGNITA, DIFÍCIL DE SER EXPLICADA.

Entre os equipamentos que compõem o arsenal pedagógico do Laboratório é possível encontrar: Simulador para Canulação Intravenosa Central, Simulador de Sutura, Simulador de Entubação, Simulador de Drenagem Torácica, Simulador para Exame de Mama, Simulador para Exame de Próstata, Simulador de Traumas Cranianos, Simulador de Ausculta e Simuladores de segmentos humanos específicos, como Simuladores de Vias Aéreas, Torso, Coração Funcional e Sistema Circulatório. Além destes, dois aparelhos altamente sofisticados em forma de manequim humano, fabricados com tecnologia avançada para simular o paciente real, equipados para apresentar grande variedade de manifestações clínicas, simulando casos clí-

nicos específicos pré-programados e que estão habilitados para responder positiva e negativamente aos procedimentos executados pelos alunos, também compõem a estrutura do laboratório. Tudo muitíssimo interessante e de grande potencial. Atualmente sob a coordenação do Prof. Claudemiro Quireze Junior, o Laboratório de Habilidades Práticas (LHP) conta ainda com dois técnicos habilitados e que estão de prontidão nos dois turnos (matutino e vespertino). Não somente isso: muitos professores já foram devidamente apresentados ao Laboratório e até receberam "algum treinamento" por parte do LHP para sua utilização nas aulas. Tendo em vista tantos pontos positivos, por que é então que o LHP continua tão subutilizado dentro da Faculdade?

Depois de um longo tempo na procura dessas respostas através do CAXXIA, tanto com a Direção e Coordenação da Faculdade, bem como com a Coordenação do Laboratório e com alguns professores, uma variedade de empecilhos foram levantados. Alguns plausíveis, outros...

O primeiro deles diz respeito à infraestrutura. Isso mesmo. Permanecem reclamações por parte de alguns de que o LHP, que conta com tantos equipamentos modernos, ainda padeceria da falta de materiais básicos, tais como algodão, ambus, cânulas, gazes, seringas, esfigmomanômetros, bem como de pequenas partes dos equipamentos que comprometeriam sua função como um todo, tais como monitores multiparamétricos e caixa amplificadora para o Simulador de Ausculta.

Em segundo lugar, o CAXXIA foi informado de que, na verdade, o treinamento oferecido a alguns professores teria sido nada mais que uma mera apresentação superficial de equipamentos, e que o conhecimento real do funcionamento do laboratório ainda seria muito incipiente por parte docente. Há necessidade de aprofundamento da capacitação, uma vez que a utilização inadequada poderia cursar com danos permanentes ao Laboratório e, dessa forma, estaria indiretamente intimidando os professores a utilizá-lo com mais cautela, particularmente pela problemática da responsabilidade civil dos professores quanto a possíveis danos aos equipamentos. Ademais, a manutenção do patrimônio físico e a formação continuada dos recursos humanos, parte importante do Laboratório, não estariam sendo oferecidas pela Universidade.

Em terceiro lugar e já partindo mais especificamente dos professores, a justificativa de alguns destes para a subutilização do LHP é o completo desconhecimento do Laboratório: seu funcionamento, horário e disponibilidade de utilização, bem como da falta de articulação das disciplinas e departamentos para essa iniciativa. Permanece o LHP como esse grande elefante lindo e branco, quase como uma peça de museu: a ser observada, contemplada, porém pouco operacionalizada de forma efetiva.

Diante do que foi supra-exposto, permaneceriam ainda as seguintes perguntas: até onde todas essas reclamações explicariam de fato a subutilização do LHP? Dar-se-ia o caso de que todas essas reclamações fossem realmente verdadeiras, mas outros motivos (não ditos, porém mais contundentes) explicariam melhor a problemática do Laboratório?

Não seria que todas essas afirmações tenham sua parcela de verdade, mas o grande problema envolvendo o



Manequim conectado ao computador para simular o organismo humano

AS OBRAS NA FACULDADE DE MEDICINA DA UFG

FUNDADA EM ABRIL DE 1960, A FACULDADE DE MEDICINA DA UFG TEVE AO LONGO DE SUA HISTÓRIA UM COMPROMETIMENTO COM A COMUNIDADE. PARA MELHOR FORMAR SEUS ESTUDANTES SEMPRE SE FEZ NECESSÁRIO UMA BOA ESTRUTURA FÍSICA. HOJE, COM DIVERSAS ÁREAS DE TREINAMENTO E VINCULADA A VÁRIOS INSTITUTOS, CONSEGUIU AMPLIAR E APERFEIÇOAR SUAS ATIVIDADES COM RELAÇÃO AO ENSINO. AINDA HÁ, ENTRETANTO, MUITO QUE SE PRECISA FAZER QUANTO À SEDE PRINCIPAL NO SETOR UNIVERSITÁRIO, QUE ESTE ANO ENTRARÁ EM OBRA.

O diretor Dr. Vardeli Alves de Moraes disponibilizou seu tempo no dia 23 de março para responder algumas perguntas sobre a futura reforma na Faculdade de Medicina. Logo que fui marcar um horário, a coordenadora administrativa Izildinha Alves da Silva Jorge corrigiu o termo reforma, informando que a obra será uma construção, fato confirmado pelo diretor, ao explicar as mudanças que a sede da nossa faculdade sofrerá. Ele falou também sobre o tempo da obra, seus desafios e os benefícios que trará. Leia a seguir a entrevista completa:

DECOM: Conversando com alguns veteranos pude perceber que já existe há algum tempo uma conversa sobre essa reforma. O projeto é realmente antigo? E o que possibilitou a sua realização agora?

Dr. Vardeli: Ele é um projeto antigo, o projeto original da Faculdade de Medicina são quatro andares. Porém sempre esbarra no aspecto financeiro, porque você faz o projeto, mas não tem verbas específicas para concluir. Então o térreo foi construído com o que já estava previsto em termos de dinheiro. E o primeiro pavimento, que é apenas o que será construído agora, foi conseguido graças a um dinheiro de emenda de deputados federais.

DECOM: De quanto foi essa verba para a construção do primeiro pavimento?

Dr. Vardeli: O orçamento exato eu não tenho aqui, porque isso foi um pro-

cesso de licitação. Por informações do reitor, teria saído em torno de um milhão e meio.

DECOM: Já se sabe ao certo da data de início das obras?

Dr. Vardeli: A licitação já está pronta, a obra não começou ainda porque vai ter que retirar todo esse telhado, então no período chuvoso seria um desastre. O que nós temos de instrução do CEGEF (Centro de Gestão de Espaço Físico), que controla todas essas construções da universidade, é que vamos precisar diminuir um pouco de atividade porque vai ter muito barulho. Mas não tem nada definido, nenhum documento dizendo assim: olha, amanhã a gente começa. Por que está sempre com essa história, a gente pensa que a chuva acabou, aí ontem (22/03) quase inundo Goiânia.

DECOM: E a duração dessa obra, tem alguma previsão?

Dr. Vardeli: Também não é algo muito previsível, só ao longo da obra que seria definido. Mas eles vão ter que pelo menos cobrir o primeiro andar antes do período da chuva começar de novo. Então imagino que pelo início do segundo semestre isso vai estar pelo menos coberto.

DECOM: As aulas que ficam aqui (na FM) serão remanejadas por causa do barulho? Como isso vai ficar?

Dr. Vardeli: Nós estamos aguardando para ver o que vai acontecer em termos de barulho, porque talvez seja suportável. Nós não estamos querendo retirar to-

das as aulas daqui, nós só vamos retirar aquelas que realmente não tiverem mais jeito. É igual uma reforma na sua casa, está reformando, reformando, aí um dia o pedreiro chega e fala: olha, o senhor agora vai ter que mudar de quarto. Estou nessa expectativa ainda porque eles não vão mexer aqui embaixo.

DECOM: Então nada vai mudar no térreo?

Dr. Vardeli: Não, só vamos trabalhar do telhado para cima. Então, eu vou negociar quando eles chegarem para que eles façam um andaime, ou uma porta de entrada para a construção de um dos lados, para que nós possamos conviver só com o barulho.

DECOM: E nesse primeiro pavimento, o que será construído? (Nessa hora, o diretor abriu sua gaveta e me mostrou a planta do primeiro andar, explicando seus planos e os motivos para aquela organização).

Dr. Vardeli: A ideia aqui seria fazer a continuação do laboratório de habilidades, ou mudar ele para cima, porque você vê que ele é bem maior. Tem as salas de aula, uma para 119, uma para 129 alunos, então são salas grandes, porque a gente tem muita deficiência nisso. Aqui as salas de aula são pequenas, para 60 e 50 alunos. Estou colocando uma sala de defesa de tese, porque a pós-graduação ocupa muito espaço nosso das aulas. A ideia final, para o restante do andar, é levar os departamentos para lá. Porque

os departamentos são todos espalhados pela faculdade, então seria uma salinha para cada chefe de departamento e algumas pequenas salas de reuniões dos departamentos. Duas salas de videoconferência, uma sala de aula de telemedicina, ambas para o ensino a distância. Mas tudo isso poderá mudar depois. Eu estou querendo priorizar, na verdade, as salas de aula, porque a gente observa que já está ficando apertado, pela quantidade de atividades, principalmente de pós. Pelo menos as quatro salas de aula já estão garantidas.

DECOM: Bom, acredito que isso é tudo, muito obrigada, o senhor tem alguma consideração final, algo a acrescentar?

Dr. Vardeli: O que estamos torcendo evidentemente é que termine a construção do prédio como um todo e do HC, porque dentro dos outros andares previstos, acho que o quarto, existe um projeto em que há uma comunicação da Faculdade de Medicina com o prédio do HC. Isso vai ser muito bom quando terminar. Vamos torcer para que até lá a engenharia ache uma maneira de tumultuar menos porque nós vamos ter dificuldade para tirar aulas daqui, o Centro de Aulas D está lotado, temos reservas de salas lá, mas mesmo assim vai ser complicado. Vocês, os alunos, vão ser os que mais vão sofrer, ter que se adaptar um pouco com isso, mas vai ser bom.

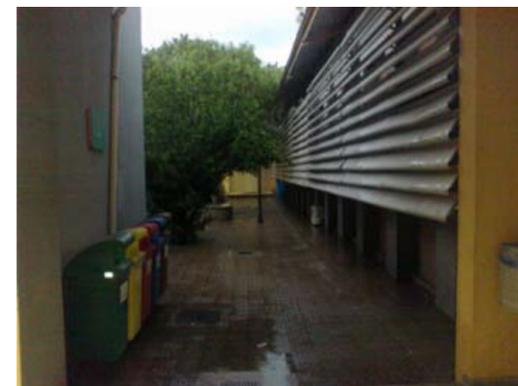
Luiza Thomaz (60)



Atual estrutura da Faculdade de Medicina da UFG



Aula inaugural da Faculdade de Medicina UFG, em 24 de abril de 1960



Chuvas em Goiânia: A principal razão pela demora no início das obras

CAXXIA Solidário

O Departamento de Políticas Estudantis e Sociais (DEPES) do CAXXIA convida você a participar da campanha "CAXXIA Solidário". O foco da campanha é mobilizar a comunidade acadêmica para a situação dos nossos pacientes no Hospital das Clínicas e arrecadar materiais de higiene pessoal, tais como: pasta e escova de dente, sabonete, desodorante, fraldas geriátricas, xampu, condicionador e etc. Como são itens pessoais, o hospital não os fornece e muitos pacientes não tem condições de adquiri-los. A falta desses materiais acarreta além de agravantes na saúde, um enorme desconforto na rotina de pessoas que às vezes precisam ficar internadas durante um longo período. Caixas de coleta serão colocadas nas faculdades de medicina, enfermagem e odontologia. Os locais exatos serão informados posteriormente. Doações em dinheiro também serão aceitas. Mais informações:

Fernanda Melchior: 8127-3537
Ronaldo Moura: 8292-1291
Izabela Maciel: 9193-8951

Departamento de Políticas Estudantis e Sociais - Centro Acadêmico XXI de Abril (CAXXIA)

AS INTERMINÁVEIS OBRAS DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UFG

MAIS DE TRÊS ANOS JÁ SE PASSARAM DESDE O INÍCIO DAS OBRAS DO NOVO PRÉDIO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS E MUITO TRABALHO AINDA É NECESSÁRIO PARA O TÉRMINO DA CONSTRUÇÃO. O PRAZO DE 900 DIAS PROGRAMADO PELO GOVERNO FEDERAL PARA O TÉRMINO DAS OBRAS SE ESTENDEU DEVIDO A INÚMEROS PROBLEMAS ENVOLVENDO DESDE ADAPTAÇÕES DO PROJETO ORIGINAL A LICITAÇÕES DE EMPRESAS. O NOVO PRÉDIO POSSUIRÁ VINTE ANDARES, DENTRE ELES DOIS SUBSOLOS PARA ESTACIONAMENTO E DOIS ANDARES TÉCNICOS, TOTALIZANDO UMA ÁREA DE 44.524,42 M².

Com o funcionamento do novo hospital, estima-se que o número de internações e o número de cirurgias realizados mensalmente no hospital duplicará e quadruplicará, respectivamente. Isso será possível, pois o número de leitos do Hospital das Clínicas passará de 300 para 600 e o número de salas cirúrgicas passará de 11 para 41, tornando-se o maior hospital da Região Centro-Oeste, além de referência na América Latina. O número de consultas também poderá aumentar, pois com a reforma do velho bloco do hospital, surgirá grande espaço para a construção de novos ambulatórios.

Em entrevista realizada no dia 26 de março de 2012, Dr. José Garcia, Diretor Geral do Hospital das Clínicas da UFG, aponta a situação atual das obras do novo hospital. De acordo com o diretor, adaptações estão sendo realizadas nas primeiras onze lajes já construídas, que totalizam uma área de 26.004,79 m².

A construção das outras nove lajes que constam no projeto ainda não foi iniciada por problemas de licitação. Dr. José Garcia afirma que três tentativas de licitação foram realizadas nos meses de janeiro, fevereiro e março deste ano para a contratação da empresa que será responsável por esta etapa do projeto, entretanto, por problemas nos editais, nenhuma das licitações foi concretizada.

O diretor acredita que a construção do novo hospital terminará no fim de 2013 ou início de 2014 e que, de acordo com o reitor Edward Madureira Brasil, o prazo máximo para o término das obras é o fim de 2014. Os gastos até o momento somaram mais de 11 milhões de reais, mas estima-se que 50 milhões de reais ainda serão necessários para a conclusão do hospital. De acordo com Dr. José Garcia, o novo prédio do hospital das clínicas receberá em torno de 60 milhões de reais em equipamentos médicos após o término das obras. Serão gastos, des-

sa maneira, em torno de 120 milhões de reais desde a construção até o funcionamento do novo hospital.

Ao ser abordado sobre um possível espaço do Centro Acadêmico XXI de Abril (CAXXIA) no Hospital das Clínicas da UFG, o diretor afirmou que parte do Centro de Convivência que será construído poderia ser cedido ao CAXXIA. Além disso, ele também comentou o boato sobre a demolição do espaço já utilizado pelo centro acadêmico ao lado do prédio de Neurociências (antiga Faculdade de Medicina) para a construção de um Laboratório de Chagas. Ele disse que qualquer obra envolvendo este espaço deverá ter o consentimento do próprio CAXXIA e da Faculdade de Medicina da UFG. Não haverá, dessa maneira, nenhuma demolição envolvendo o espaço em questão sem que isso seja decidido pela diretoria do centro acadêmico.

Thalles Braga (59)



Bloco antigo do Hospital das Clínicas da UFG



Novo prédio do Hospital das Clínicas da UFG em construção

LHP seria um pouco mais básico? Algo como talvez... uma questão de CULTURA interna da Universidade? Não seria o plano de fundo de todas essas janelas abertas uma questão de comodidade e de INDISPONIBILIDADE de sair da zona de conforto por parte de algumas pessoas? Será mesmo que tudo isso (desconhecimento, desarticulação, falta de infraestrutura, falta de capacitação) não tem servido para acobertar uma atitude mais fácil e conveniente de deixar as coisas seguir como sempre seguiram?

Analisando alguns desses argumentos: Por exemplo, não há realmente conhecimento do Laboratório por parte dos professores? Se há, por que então há tão pouca utilização dele nas aulas? Se não há conhecimento do Laboratório, então por que não? Se não há integração ou se há de forma incipiente, quem deveria articular os professores para uma utilização mais inteligente do Laboratório? Seriam os alunos os responsáveis por efetuar essa atitude? Ou os professores responsáveis das disciplinas? Ou os chefes de departamento? Ou a Coordenação? Ainda este: A ALGUMA falta de materiais (que não é notícia nova não só para a Universidade bem como para nenhum outro serviço público!), justifica mesmo a tão pouca operacionalização do Laboratório? Comprometida de fato e a esse ponto a utilização do LHP? E sendo essa falta de material assim grave, o que é então que poderia ser feito? Vamos agora apenas convenientemente estacionar e assistir a deterioração dos equipamentos, observando a ação única do tempo sobre os poucos materiais e simuladores como se fossem peças de exposição?

Bem, o objetivo deste texto não é, como muitos às vezes tem criticado, despertar um "sentimento" a respeito do grande benefício que seria a utilização dos simuladores para nós alunos. Muitos têm criticado a postura de membros do CAXXIA, argumentando que há da nossa parte uma postura romântica ou idealista, acreditando nós nos superpoderes da tecnologia de ponta dentro da educação médica e que permaneceria da nossa parte a proposta de substituição ou de diminuição da importância da relação professor-estudante-paciente-comunidade como estratégia de aprendizagem em favor de uma educação médica tecnicista. Essa é uma crítica que aparentemente se veste até de muito inteligente contra as nossas demandas, mas que é, AFIRMO, completamente



Laboratório de Habilidades da Faculdade de Medicina da UFG

enfatuada em relação ao que originalmente defendemos. Há clara consciência por parte dos alunos que a utilização de simuladores é um recurso limitado e que nunca substituirá o aprendizado pessoal, humano, centrado nas pessoas agentes do processo: estudante, profes-

sor, paciente, coletividade em que este está inserido. Sinceramente, essa crítica é tola e infundada, porque nunca lutamos pela melhor utilização do LHP sob esse fundamento ou perspectiva. Mas aproveitando a "deixa" da crítica que nos tem sido feita, gostaria de pontuar



Um dos manequins simuladores do Laboratório de Habilidades

I CONCURSO E AMOSTRA DE MEDICINA & FOTOGRAFIA

Universidade Federal de Goiás
 Faculdade de Medicina
 Centro Acadêmico XXI de Abril

O I Concurso e Amostra de Medicina & Fotografia da FMUFG, com o tema "IMPRESSÕES: A MEDICINA PELOS SEUS PRÓPRIOS OLHOS" é destinado à participação de acadêmicos e professores/médicos da Faculdade de Medicina/UFG que tenham a fotografia como hobby. A inscrição para o concurso e envio de fotos serão realizados até

30/09/12 de forma gratuita.

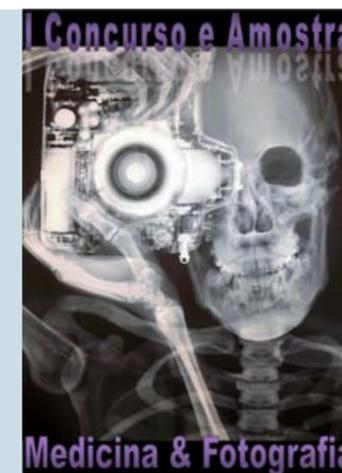
Os trabalhos selecionados serão divulgados a partir do mês de maio, nos corredores da Faculdade de Medicina da UFG, constituindo a I Amostra de Medicina e Fotografia da FMUFG. As melhores fotos serão premiadas durante a Semana Cultural 2012 e os autores das melhores fotografias serão contemplados com o PRÊMIO MEDICINA & FOTOGRAFIA (Premiação e Certificado). Maiores informações pelo edital, disponível no mural do CAXXIA.

Departamento Cultural e de Eventos
 (DECULT - CAXXIA)

que talvez até mesmo críticas como essa reflitam novamente a atitude CONFORTÁVEL com que as coisas são geralmente são tratadas dentro da Universidade, sempre servindo à postura fácil de culpar as estruturas e instituições, mas que posturas que simultaneamente significam "melhor deixarmos as coisas como estão".

Sinceramente, espero que aqueles que têm criticado a luta por melhor utilização do LHP saiam da crítica trivial das dificuldades de infra-estrutura e de tratar os empenhados pela mudança ou melhora como "idealistas" ou "tecnicistas". Não se trata disso. Que os investimentos já realizados na Faculdade sejam melhor e adequadamente utilizados, não numa super ênfase de áreas ou programas específicos, mas na construção de uma Faculdade inserida e comprometida com o perfil do novo profissional médico.

Thiago Abreu (58)



Medicina & Fotografia

O ESTUDANTE DE MEDICINA TEM QUE SER A FAVOR DO ATO MÉDICO?

O PROJETO DE LEI QUE REGULAMENTA O ATO MÉDICO CONTINUA NA PAUTA DE DISCUSSÕES DOS PROFISSIONAIS LIGADOS À ÁREA DA SAÚDE E DA SOCIEDADE EM GERAL. DEPOIS DE SER APROVADO COM MODIFICAÇÕES NA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA DO SENADO, NO FIM DE 2011, O PROJETO AGUARDA VOTAÇÃO NA COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS.

O discurso de regulamentações da profissão é muito atrativo para os respectivos trabalhadores das mais diversas áreas. Regular uma profissão é criar normas que determinem suas funções e atribuições. Na própria justificativa para a regulamentação, o CFM admite que essa se justifica pelo surgimento de outras áreas da saúde que avançam sobre o campo de atuação médica e que, por isso, têm precarizado a saúde e o atendimento à população.

“CONSIDERANDO que o campo de trabalho médico se tornou muito concorrido por agentes de outras profissões e que os limites interprofissionais entre essas categorias profissionais nem sempre estão bem definidos; CONSIDERANDO que quando do início da vigência da Lei nº 3.268/57 existiam praticamente só cinco profissões que compartilhavam o campo e o mercado dos serviços de saúde, quais sejam, a Medicina, a Veterinária, a Odontologia, a Farmácia e a Enfermagem, e que os limites entre essas carreiras profissionais estavam ajustados milenarmente em

quase todos os casos; CONSIDERANDO que agora, diferentemente, a área da saúde e da doença está pleorada de agentes profissionais sem que haja clara definição dos limites dos seus campos de trabalho; CONSIDERANDO a necessidade de haver uma melhor definição das atividades profissionais típicas e privativas de cada categoria profissional, dos limites de cada uma, das relações entre as atividades limítrofes e das relações de cada uma delas com a Medicina, por ser, de todas, a mais antiga e a de campo mais amplo de atuação, vez que interage com todas as outras [...]” (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2001)

Há uma inversão de responsabilidades e de foco na discussão do ato médico. A inversão de responsabilidade se dá na medida em que não é a falta de regulamentação que prejudica a saúde da população e não será a regulamentação que protegerá a população contra falsos médicos. Já a inversão de foco pode ser verificada no âmbito de que, ao invés de lutar por melhores condições de trabalho, de condições de serviço do médico e melhoria de atendimento na saúde, estabelecem-se conflitos entre médicos e outros profissionais de saúde, em função da

disputa por quem exercerá determinada função. Com tal medida o CFM acaba por afastar o médico dos outros profissionais de saúde.

Na proposta do ato médico mediante o pretexto de melhorar a profissão médica e proteger a população, não encontramos um só parágrafo que trate de questões como salário, jornada de trabalho e condições de trabalho, ou mesmo de atendimento multiprofissional. Não existe a compreensão da importância da participação dos demais profissionais no processo de promoção à reabilitação da saúde. Um projeto de regulamentação das profissões de saúde poderia sim proteger a população, caso fosse feito em conjunto com as outras áreas de saúde em um espaço amplo, e não feito da forma como foi elaborado, sem consulta e com uma tentativa desesperada de aprovação no Congresso Nacional.

A existência do ato médico é necessária a partir do momento que se faça uma regulamentação conjunta com as outras áreas de atuação na saúde. Os termos usados pelo médico sanitário Emerson Merhy podem exemplificar o que deveria estar sendo discutido no âmbito da regulamentação. Segundo Merhy, há núcleos de saber, que são atividades exclusivas de cada profissão e campos de saber, que são ativida-

des compartilhadas e que permitem a perspectiva multiprofissional e abrange as possíveis intervenções dos profissionais. São esses campos e núcleos que deveriam estar sendo debatidos, discutindo a superposição em determinados momentos e visando sempre o melhor atendimento da população e não uma reserva de mercado definindo quem pode e quem não pode exercer um DIREITO médico, apresentando um projeto pronto e já definido.

O que esse ato representa diante de um falso discurso de que a medicina necessita uma regulamentação é a criação de uma reserva de mercado. O CFM e a categoria médica comprovam mais uma vez a dificuldade de debater e atuar de modo multiprofissional. Os conselhos regionais de medicina se ausentam de debates sobre a saúde nos mais diversos conselhos e fóruns regionais de saúde enfraquecendo a luta pela defesa do SUS e de melhores condições de saúde.

A saúde precisa de profissões melhor valorizadas, mas em conjunto.

Filipe Malta dos Santos
Turma 57



DEBATE SOBRE O ATO MÉDICO

NO DIA 21 DE MARÇO DE 2012, OCORREU O I FÓRUM DE DEBATE: O ATO MÉDICO EM UMA VISÃO MULTIPROFISSIONAL “É HORA DE OUVIR OS DOIS LADOS”, PROMOVIDO PELO DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS ESTUDANTIS E SOCIAIS DO CAXXIA. APESAR DOS IMPREVISTOS E CANCELAMENTOS DE ÚLTIMA HORA POR PARTE DE REPRESENTANTES DA FARMÁCIA, FISIOTERAPIA E PSICOLOGIA, ALÉM DA EXALTAÇÃO PASSIONAL POR PARTE DOS REPRESENTANTES DA MEDICINA, O DEBATE QUE SE INICIOU ÀS 19 HORAS E TERMINOU ÀS 22 HORAS FOI O FOCO DA ATENÇÃO DE CERCA DE 200 ALUNOS E PROFESSORES DAS MAIS DIVERSAS ÁREAS DE SAÚDE DA UFG, UEG, UNI-EVANGÉLICA, PUC, UNIVERSO, DENTRE OUTRAS.

Ao final do debate, foi aberta a palavra ao público que manifestou opiniões a respeito dos tópicos propostos sob o olhar e orientação dos diversos campos profissionais ali representados. Acreditamos ser o espaço de discussão uma ferramenta imprescindível na formulação das políticas estudantis uma vez que fornece subsídios à participação estudantil nos diversos temas relevantes, quer seja na sociedade que está inserido quer seja na comunidade acadêmica.

O objetivo do debate era trazer para as comunidades acadêmicas e sociais como a Lei do Ato Médico se refletirá no dia a dia dos futuros médicos e dos outros profissionais das áreas da saúde, assim como mostrar à sociedade o que significa o Ato Médico. O que é dever privativo de cada área? O que as áreas correlatas da saúde têm a dizer? Como se refletirá sobre o cidadão, economicamente e socialmente, as novas diretrizes? E o quesito promoção da saúde e multidisciplinaridade, como ficará? São questões que o debate em seu projeto inicial pretendia abordar. Sem nenhuma dúvida, as únicas pergun-

tas verdadeiras e imparcialmente respondidas foram o que é o projeto de lei, quais os significados de todas as votações que ocorrem e o que foi mudando através do tempo. Não havia ambição por parte do departamento que em um único encontro conseguíssemos responder perguntas que se desenrolam ao longo de 10 anos sem resposta. O que queríamos, e estamos em passos lentos conseguindo, é mostrar que nós não estamos fechados à discussão, e que de maneira diferente do que possam imaginar, nós não desejamos fazer disso uma disputa. Como muito bem citaram nosso moderador discente e o coordenador do CAXXIA, nosso intuito verdadeiro ao promover o debate era começar a ouvir o outro lado (e sem dúvida ainda há muito a ouvir). Mostrar que nós podemos ser, caso quisermos e fizermos por onde, uma geração com lutas e aspirações diferentes desta que nos representou com uma visão profissional agressiva em certos momentos ou infelizmente no caso das outras áreas da saúde que faltaram ao debate. Pois antes de nos focar nas grandes diferenças, que sem dúvida existem,

devemos nos lembrar de que no fim das contas nosso objetivo é (ou pelo menos deveria ser) o mesmo: a saúde, acima de qualquer status, acima de qualquer ego. E juntos como já estivemos na idealização

do SUS, na reforma sanitária brasileira, devemos lutar para que essa saúde por nós promovida seja de qualidade.

Depto de Políticas Estudantis e Sociais
(DEPES - CAXXIA)



Estudantes no debate do Ato Médico



Dr. Marcelo Caixeta palestrando sobre o Ato Médico



Debate sobre o Ato Médico